

## **A PRAXE. UMA CONCEPÇÃO ESTÉTICA E UM CONCEITO DE ÉTICA \***

MOISÉS DE LEMOS MARTINS \*\*

Não é habitual a Universidade trazer o debate para a mesa do café. Um bocado à semelhança dos monges que fazem dos claustros lugar de meditação, os universitários, por via de regra, confinam as suas disputas às academias. Como que temendo a profanação de um templo, evitam misturar-se com o quotidiano e perder-se no mundo por entre o vulgo.

A Comissão Organizadora deste debate ousou propor um lugar ímpio, um lugar do quotidiano, para palco de encontro entre a universidade e a cidade.

Eu diria, no entanto, que este lugar é perfeitamente conveniente à vocação da sociologia contemporânea. Colegas nossos, em Lisboa e no Porto, há anos que vêm utilizando as livrarias como lugar de circulação entre a universidade e a cidade. Talvez porque a noite inspira a boémia e a transgressão, a sociologia tem realizado as suas « Noites ». Quase sempre em livra-

---

\* Intervenção introdutória ao debate «A praxe que (con)tradição?», realizado em Braga, no Café Viana, a 18 de Novembro de 1993, e organizado pelo Núcleo de Estudos do Curso de Sociologia das Organizações da Universidade do Minho, com a presença do antropólogo Luís Polanah, do historiador José Viriato Capela, do sociólogo José Vergílio e do Presidente da Associação Académica da Universidade do Minho.

\*\* Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho.

rias. Mas, é verdade, as livrarias são ainda um lugar semi-sagrado, como que uma antecâmara do templo universitário.

Hoje, dá-se aqui um salto maior: a sociologia, a antropologia e a história vieram *de noite* sentar-se à mesa do café.

Pediram-me que moderasse o debate, e é o que vou fazer. Mas, se me permitem, gostaria de avançar uma linha de reflexão, à guisa de introdução.

Começo assim por dizer que, à primeira vista, a praxe tem má reputação e muito má imprensa. Da funcionária da secretaria do Instituto de Ciências Sociais a que pertencço, que não se coibiu de me confiar um recado para o transmitir aqui, ao Conselho Académico da Universidade do Minho, que na sua última reunião reflectiu sobre a praxe académica, até às opiniões formuladas sobretudo na imprensa escrita, verberam-se os excessos cometidos, dá-se mostras de verdadeira preocupação pela prática do que se acredita serem « autênticos crimes que ficam impunes: agressões físicas, injúrias, atentados à liberdade individual ». Quase nunca se avança nada de concreto. Quando muito, transmitem-se inquietações pelo que já se passa noutras universidades. Mas, à socapa, sempre se deixa escapar o testemunho escandalizado de uma que outra mãe, que na imprensa regional se queixou dos maus tratos que a filha sofreu.

Também é usual ouvir queixumes aos docentes. « A praxe académica prolonga-se exageradamente », dizem. « São semanas a fio de um pandemónio tal que a Universidade fica em autêntico estado de sítio, incapaz de funcionar. Não há ambiente de trabalho e as aulas, continuamente interrompidas e com a participação diminuta dos alunos, são uma caricatura ».

Os mais cáusticos atiram-se à humilhação a que são sujeitos os caloiros: « Ser caloiro nas praxes académicas, pode ler-se numa coluna do *Jornal de Notícias*, significa pertencer à escala ínfima dos seres, estar muitos furos, mas mesmo muitos furos, abaixo de qualquer animal doméstico, não ter nenhum dos direitos pretencentes às pessoas, e nomeadamente, às que já entraram, por antecipação e autopromoção, na superlotada classe dos doutores ».

« Ser caloiro significa ter um estatuto de coisa e, por isso, estar destinado a ser o capacho da imaginativa classe doutoral ».

Enfim, « o caloiro existe para evidenciar a bestialidade de quem o manda e também para sofrer a bestialidade de quem tem estatuto para exercê-la. Ah! o enorme prazer de criar bestialidade à nossa volta e de pôr à solta a bestazinha que mora em nós, muito acachapada no nosso íntimo! »<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Cf. Artur COSTA, « A praxe », *Jornal de Notícias*, 28 de Outubro de 1993.

Citação longa, esta, mas importante por atestar quão pouco são animadoras as apreciações habituais feitas a propósito da praxe. Pouco animadoras, sem dúvida, mas nem por isso particularmente reveladoras daquilo que, a meu ver, nela acontece de fundamental.

Na praxe joga-se, com efeito, uma concepção estética e um conceito de ética. E seria nesse sentido que eu gostaria de alinhar uma pequena reflexão. Fá-lo-ei contrapondo duas gerações de estudantes: a geração dos anos 60/70, que foi a minha, e a geração actual, dos anos 80/90.

Nos anos 60/70, a praxe vivia o seu estertor. O objectivo confesso dessa geração era aboli-la. « Coisas de quem pensava que a História tinha um sentido e que era possível a gente assenhorear-se das suas poderosas alavancas e mecanismos e fazê-la encarrear por onde nós queríamos », continua o colunista do *Jornal de Notícias*. As manifestações praxistas, já periféricas, são substituídas pelo exercício militante da crítica: crítica do sistema de ensino, crítica dos agentes de ensino, crítica social e política. A vida académica era acompanhada e fecundada pelo empenhamento em variadas causas colectivas. A sociedade vivia um grande desejo de emancipação e acreditava na possibilidade de levar a cabo essa tarefa. Havia então o sentimento de que a história tinha um sentido preciso e que era função dessa geração, doce ilusão foi a nossa!, apressar o caminho para esse fim específico. Uma visão finalista e teleológica da História informava assim uma prática militante, uma ética de « partisan ».

Foram ideais nossos a constituição de um Estado de direito, a democracia, e noutros casos, o socialismo, a sociedade sem classes. Nesse sentido, os estudantes empenhavam-se na luta pela liberdade de expressão e de pensamento, na denúncia da guerra colonial, no repúdio da pobreza e da miséria imerecidas das classes populares, na denúncia da emigração, na luta pela liberdade dos presos políticos. Na Universidade se animava mesmo a conspiração contra o regime de Salazar e Caetano. Lembro também que a chamada canção de protesto ou de intervenção e as baladas, que se contrapunham ao nacional-cançonetismo (José Afonso, Adriano Correia de Oliveira, etc.), começaram portas adentro da Universidade. Quase sempre as causas universitárias foram colectivas, e não especificamente corporativas.

Nos anos 80 esboça-se o regresso da praxe. Esse movimento acentua-se nos anos 90, sendo hoje, pode dizer-se, triunfante. « A praxe aí está, não confinada ao seu reduto coimbrão, mas proliferando pelo Porto, Braga, por tudo quanto é sítio de academia e até, imagine-se!, em Lisboa », geme o colunista do *Jornal de Notícias*, como quem expia uma via-sacra.

Não nego que haja um lado festivo na praxe. É também verdade que a praxe corresponde àquilo que os cientistas sociais chamam de rito de integração social. É possível que nalguns casos (raros casos) constitua um fenómeno com cambiantes bairristas e regionalistas, que pode indiciar a vontade de afirmação do local periférico por relação ao centro dominador.

Mas os tempos são outros. E outro é o ar do tempo, que é como quem diz, outro é o sentido ético-estético que o enforma. O « militante » tinha as barbas e os cabelos compridos, absolutamente em desalinho, as calças muito coçadas, tomava banho uma vez por semana, no melhor dos casos, e fazia baladas com o refrão « make love not war ». O essencial para si não era o presente. Convocava-o o futuro. A geração praxista motiva-a antes o quotidiano: o encanto da festa no dia-a-dia e não os amanhãs que cantam. A geração praxista pratica uma estética do asseio. Toma banho todos os dias, eventualmente duas e três vezes por dia. Procura fazer vincar um estilo pessoal de vida, utiliza um perfume e um penteado que a individualizem. O seu compromisso esgota-se na partilha de uma festa comum, enfim, na partilha de uma emoção gregária. A « caça às coelhinhas » nos bares nocturnos da cidade e o regabofe à Quim Barreiros, esse grande animador de todas as *queimas* por tudo quanto é academia neste país, ilustram bem o sentido ético-estético dominante da nova geração.

Na aparência, a estética da nova geração é marcada pelo arcaísmo e pelo tradicionalismo. Não creio, no entanto, que seja o passado que mais a inspira. O passado fornece-lhe alguns adereços, e é tudo. É a urgência do presente e a emoção partilhada numa festa comum que mais a convocam.

Causas que não as corporativas não existem de todo. Nos últimos anos, não houve uma única causa colectiva que os estudantes tenham abraçado (talvez com a excepção da causa timorense). Diga-se, no entanto, que os estudantes não se distinguem hoje da massa amorfa em que se converteu a geração de 60/70. Pouco resta da atitude desprendida, generosa e romanesca de ontem. Por todo o lado campeia o carreirismo, o oportunismo e o utilitarismo.

O ar do tempo é este: causas só as corporativas, a PGA primeiro, as propinas hoje. Há assim a passagem de uma ética escatológica, comprometida com o que haveria de vir, com o futuro, a uma ética do presente, comprometida com o quotidiano. Para todos, o romanesco volveu-se em consumo e pragmatismo.

Há quem veja nestas manifestações atitudes que muito assemelham a época contemporânea aos períodos decadentistas da história<sup>2</sup>. Na ausência de uma teleologia, na ausência de um sentido para a história, e dado o descrédito que hoje colhem quaisquer doutrinas emancipadoras, há a centração no quotidiano, no indivíduo e nas causas corporativas. Vivendo sob o signo da tragédia e da ambiguidade e não já do drama e da unidade, a nossa época terá deixado de acreditar na redenção da crítica para viver a contradição sem *happy end*. A ambivalência estrutural da nossa época, assente na sensualidade, na conflitualidade apórica e no instante, terá desfeito o sonho de uma metafísica da unidade, apoiada no dever do trabalho, no mito do progresso e na fé no futuro<sup>3</sup>. Daí que, baloiçando entre a orgia festiva e a orgia fúnebre (com violência física e moral, palavrão soez e ovos podres), a praxe talvez exiba apenas a marca de um tempo que se vê amputado de uma dimensão futura. Talvez a praxe se esgote mesmo no prazer de viver uma emoção partilhada. Abandonando o monoteísmo da razão e do seu império (o bom, a verdade, o belo, o bem, o justo), talvez a praxe se esgote numa emoção. Embora uma emoção cada vez mais (a)traída pela ambiguidade politeísta dos valores a que presta culto.

---

<sup>2</sup> Veja-se neste sentido, por exemplo, Julien FREUND, *La décadence*, Paris, Sirey, 1884, pp. 355-392.

<sup>3</sup> Esta tese é proposta por Michel MAFFESOLI, nomeadamente em *La conquête du présent*, Paris, PUF, 1979. No entanto, não se trata em Maffesoli de características do tempo presente, mas de *formas* de socialidade, isto é, formas que constituem o ser social.